

Hegemonia às avessas

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje, 11.10.2010

No início de 2007, um dos mais importantes intelectuais do Brasil, Francisco de Oliveira, escreveu um provocativo artigo intitulado “Hegemonia às avessas” (que é um dos capítulos do livro “Hegemonia às avessas” da editora Boitempo, organizado pelo próprio Francisco de Oliveira, Ruy Braga e Cibele Risek, publicado em 2010).

Neste artigo, inicialmente o autor faz algumas observações sobre as eleições de 2006 que, pela similaridade, poderia ser repetida em relação à eleição de 2010. Vejamos.

Analisando as eleições de 2006, na qual Lula saiu vencedor, afirma que um dos “resultados formidáveis da eleição, incluindo os pleitos para os estados e a renovação do Congresso, foi à salada de coligações e coalizões (...). Siglas de supostas orientação ideológica oposta uniram-se indiscriminadamente com toda espécie de agrupamentos, incluindo os de salteadores. Traições abertas às próprias hostes foram à regra”. O autor cita alguns exemplos, que poderiam ser ampliados. O exemplo citado foi o do governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, do PPS, que apoiou Lula, enquanto seu partido apoiou Geraldo Alckmin (pelo menos nisso o PPS tem sido coerente, apoiando Serra em 2010).

Essa salada partidária foi repetida na eleição de 2010, com as mais distintas (e esdrúxulas) coligações e assim creio que vale o diagnóstico de Francisco de Oliveira em relação a 2006, ou seja, a de que a falta de consistência confirma a irrelevância da política partidária no Brasil (e para o autor e creio também ser verdadeira, não é específico do Brasil, mas do capitalismo contemporâneo). Para ele “Os partidos representam pouco, e a política está centrada, sobretudo nas personalidades”.

Este é um aspecto relevante e tem sido analisado pelo menos desde os anos 1990. Bernard Manin, entre outros, em livro clássico “Princípios do governo representativo” (1995) e mais especificamente no capítulo IV “As metamorfoses

do governo representativo” mostra como há um declínio do ativismo e das filiações partidárias, da participação eleitoral (na eleição presidencial de 2010 o número de abstenções, votos em brancos e nulos foram superiores aos votos dados a José Serra e corresponde a aproximadamente 1/3 do eleitorado brasileiro). Enfim, com a expansão dos meios de comunicação a partir dos anos 1980, surge uma nova forma de governo representativo, que ele chama de “democracia de público” no qual os partidos, enquanto instância de mediação, foi substituída pela mídia.

Voltando a eleição de 2006. Francisco de Oliveira afirma que naquela eleição, Lula distanciou-se ostensivamente do PT e somente recorreu ao partido, e a setores de esquerda fora dele, no segundo turno, quando viu a reeleição ameaçada “proclamados os resultados, logo fechou um acordo com o PMDB (“um partido tipicamente de caciques regionais que não tem sequer unidade programática”) para juntos dominarem a Câmara dos deputados e o Senado”.

Situação, ao que parece também muito similar a de 2010. Aliados mais uma vez o PT e o PMDB têm, juntos as maiores bancadas da Câmara e do Senado, respectivamente.

Em 2006, é importante salientar, no 2º turno, Lula contou com o apoio da oposição de esquerda que, talvez se repita nesse 2º turno. No entanto, naquela eleição, segundo Francisco de Oliveira, “a ilusão quanto ao peso da esquerda se desfez com as primeiras declarações do presidente reeleito, que continuou com a política econômica do governo anterior, manteve nos cargos figuras emblemáticas, como o presidente do Banco Central (Henrique Meireles) e fez uma defesa da chamada “era Palocci”. Nas condições em que se deu, afirma o autor, a vitória eleitoral anulou as esquerdas no Brasil. Será assim numa eventual vitória de Dilma Roussef, que tem entre seus principais assessores o ex-ministro da fazenda, Antonio Palocci?

Quanto à questão da hegemonia, a tese principal de Francisco de Oliveira é a de que, baseado “nas pistas do legado de Antonio Gramsci” no qual o consentimento sempre foi o produto de um conflito de classes em que os dominantes, ao elaborarem sua ideologia, que se converte na ideologia

dominante, trabalham a construção das classes dominadas a sua imagem e semelhança (...) estaríamos numa fase do que ele chamou de uma nova dominação, na qual os dominados “realizam a ‘revolução moral’ – que se transforma, e se deforma, em capitulação ante a exploração desenfreada, e assim o consentimento se transforma em seu avesso: não são mais os dominados que consentem em sua própria exploração: são os dominantes – os capitalistas e o capital – que consentem em ser politicamente conduzidos pelos dominados, com a condição de que a ‘direção moral’ não questione a forma de exploração capitalista”.

É isso que ele vai chamar de “hegemonia às avessas”, aquilo que, segundo ele, foi feita no governo Lula. É um bom tema para o debate, num momento que se aproxima o 2º. turno das eleições presidenciais. No caso de uma vitória de José Serra, será a hegemonia das classes dominantes e, portanto, não tem sentido falar de “hegemonia às avessas”. No entanto, a questão permanece com a possível vitória de Dilma Rousseff, ou seja, essa “hegemonia às avessas” terá continuidade? É o que veremos.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html

